

# A Idade de Ouro do Brasil



JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

# A Idade de Ouro do Brasil

ALFAGUARA



Copyright © 2019 by João Silvério Trevisan

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Foto de capa*

HEX/ Getty Images

*Preparação*

André Marinho

*Revisão*

Carmen T. S. Costa

Ana Maria Barbosa

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Trevisan, João Silvério

A Idade de Ouro do Brasil / João Silvério Trevisan.

— 1ª ed. — Rio de Janeiro : Alfaguara, 2019.

ISBN: 978-85-5652-096-8

1. Ficção brasileira I. Título.

19-30389

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/editora.alfaguara](https://facebook.com/editora.alfaguara)

[instagram.com/editora\\_alfaguara](https://instagram.com/editora_alfaguara)

[twitter.com/alfaguara\\_br](https://twitter.com/alfaguara_br)

*Ao Espírito do Tempo, que paira sobranceiro e tudo  
registra, para compor a narrativa da História.*









# Um sonho intenso

Deslizamos em perfeita inocência pela casa — que poderia ser dos mortos. O luar entra pelas janelas abertas. Nada se move no ar. Como uma serpente, deslizamos ao rés do chão, num movimento tão inexorável que nada poderia chegar mais próximo da morte senão esse esgar. Sem sobressalto nem paixão, um movimento que testemunha o mundo. Nosso deslizar não perturba sequer as moléculas que carregam certo odor, não perceptível senão por olfatos superiores, diferentes daqueles que porventura habitam ou, para melhor dizer, habitavam esses desmedidos espaços de prata, depois que tudo aconteceu, de modo tão improvável. É um odor só acessível à morte, soberana sobre todos os sentidos, cujos sinais captamos vagamente. Enquanto deambulamos, abre-se ante nós uma mansão luxuosa, com cortinas, paredes e móveis brancos e limpos. Não que a cor dominante perdure, pois pressentimos certo vermelho a invadir sorrateiro o ambiente, ao sabor dos fatos que virão. Entre as paredes, impera o silêncio, quebrado apenas pelos grilos lá fora e latidos distantes. Tudo estremece, de repente. Um carrilhão de Westminster dispara e soam cinco badaladas num relógio de parede. Em nosso deslizar, que de tão sutil parece perfurar o nada, primeiro atravessamos os corredores. Depois, salões vazios. Por fim, a ala dos quartos com portas escancaradas, como se nunca tivessem sido habitados — e foram. Vagamos sem nenhuma intenção de perguntar ou desvelar. Ao dobrar um corredor, somos flagrados pelo vulto de uma mulher, vinda do fundo, talvez obesa, talvez nem tão senhora, vestida em trajes do *fin de siècle*, chapéu negro com rosa de seda vermelha, rosto inteiramente empoado, olhar fixo num ponto cego. Emerge do escuro para a luminosidade impalpável que perfuramos. Ah, adivinhamos. É Divina, a gorda diva e padroeira, diáfana como se fosse a própria fonte da luz, quase pairando no ar, enquanto

a brisa a empurra em nossa direção. Desliza com uma placidez que nos supera, como se interpretasse um balé em movimentos — mínimos, funéreos — de algum butô. Nem bem recuperamos o fôlego da surpresa, ela se transfigura na Virgem Senhora, inflada por roupas brancas, agora esvoaçantes, quase transparentes. O mesmo voile das cortinas que o vento começa a soprar em silêncio funesto, filho da maldição de tânatos, que comanda à luz da lua um balé de sombras. Nossa Senhora das Flores.

Passado o impacto, deslizamos mais velozes, no encalço da miragem divina através da casa. Fantasma que talvez seja, o vulto se esvanece, de súbito. Espreitamos, inquietas. Diante da porta entreaberta de um quarto ainda na penumbra, vislumbramos ao fundo o vulto esvoaçante que, após segundos, torna a se esvair. Corrigimos o foco no instante mesmo em que um rosto assustado se levanta e, quase sufocando um grito de espanto, entra no campo do nosso olhar. O homem recém-desperto puxa os lençóis, arqueja e olha para os lados, assustado por um pesadelo que não consegue discernir. Parece que se podem ouvir ao longe algo como acordes de um órgão frenético.

Éramos seis. Tínhamos sido seis.

# Sequencial 1

Sons indistintos chegam pelo vento. À medida que se aproximam, vão delineando vagas frases melódicas, antes de se desmembrarem por entre a densa mata que ladeia a estradinha asfaltada. Sons que bufam como saídos de cavernas da alma se aproximam mais e mais, tropeçando nos troncos e assustando os pássaros com uma sacralidade inesperada na manhã que irrompeu há pouco. A estranheza cresce quando uma Pajero prata, em alta velocidade, surge da curva e vai se avolumando em meio à melodia que, por extemporânea, torna sua visão quase irreal.

As caixas de som da Pajero emitem uma altíssima música de órgão, solene, elegante, sensual, barroca. Enquanto dirige, Vera Bee, também conhecida como Abelha Rainha, cantarola a melodia e marca os compassos com oscilações da cabeça. O esgar em seu rosto, mescla de aflição e êxtase, conecta-se ao pé, que, afundando no acelerador, mais revela do que camufla um desespero antigo. Ali, o encantamento não consegue se separar da dor, antes a aguça, como se fosse próprio da demasia borrar a linha divisória entre enlouquecer, maravilhar-se e levantar voo. Sob aparência de alegria e excitação, o bombardeio metálico e fatalista da trilha sonora espelha uma batalha interior.

— Porra, Abelha, que merda de música. O cara treme sem parar, parece que tem epilepsia — grita Lili, no banco de trás.

Abelha assusta-se e cai de volta ao mundo real. Não denota satisfação nesse retorno. Sim, está ali, cheirada até a alma, com sua trupe “Afrodites da Pauliceia” a caminho de mais um dia de trabalho. Conhece cada uma das meninas de cor e salteado. Com paciência estudada, volta-se ligeiramente para o banco de trás:

— Você quis dizer e-pi-lep-sia, Lili Man-ju-ba? Antes de reclamar, vê se aprende a falar português.